

Luciana Cristina da Silva Vilela



A PAISAGEM URBANA

**UMA PROPOSTA DE ARTE EDUCAÇÃO BASEADA NAS OBRAS DE
ALFREDO VOLPI E GUSTAVO ACOSTA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Luciana Cristina da Silva Vilela

A PAISAGEM URBANA

**UMA PROPOSTA DE ARTE EDUCAÇÃO BASEADA NAS OBRAS DE
ALFREDO VOLPI E GUSTAVO ACOSTA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Melissa Etelvina Oliveira
Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Vilela, Luciana Cristina da Silva, 1980 -

A Paisagem Urbana, uma proposta de arte educação baseada nas obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Luciana Cristina da Silva Vilela. – 2015.

30 f.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A Paisagem Urbana*, de autoria de Luciana Cristina da Silva Vilela, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientadora

Profa. Juliana Silveira Mafra – Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de arte educação através do estudo da paisagem urbana. Para nortear a proposta, enfatiza-se os trabalhos de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta como exemplos de artistas que utilizaram a paisagem em sua poética visual. O trabalho aborda o tema do urbano nas artes plásticas como um todo, na produção dos artistas citados e propõe cinco momentos detalhados em plano de aula para aplicação prática da proposta.

Palavras-chave: Paisagem Urbana, Alfredo Volpi, Gustavo Acosta, Arte Educação.

Abstract

This paper presents a proposal of art education through the study of urban landscape. To guide the proposal, we emphasize Alfredo Volpi and Gustavo Acosta art jobs as examples of artists who used the landscape in their visual poetics. The work deals with the theme of urban plastic arts as a whole, the production of the aforementioned artists and proposes a five-step detailed lesson plan for practical application of the proposal.

Keywords: Urban Landscape, Alfredo Volpi, Gustavo Acosta, Art Education.

Lista de Ilustrações

Figura 1- Alfredo Volpi. Série Fachadas	13
Figura 2- Gustavo Acosta. Ilusion.....	13
Figura 3- José Pancetti. Fundos da minha casa	15
Figura 4- Grupo PORO. Intervenção, azulejos de papel.....	15
Figura 5- Volpi. Feira do Cambuci.....	18
Figura 6- Volpi. Fachadas das bandeiras brancas.....	19
Figura 7- Gustavo Acosta. Mil Novecientos Noventa y Dos.....	19
Figura 8- Gustavo Acosta. Illusion.....	20
Figura 9- Alfredo Volpi. Fachadas com Bandeirinhas	20
Figura 10- Gustavo Acosta. The Big Secret.....	21
Figura 11- Gustavo Acosta. Color Local.....	24
Figura 12- Alfredo Volpi. Casario.....	24

Sumário

Introdução.....	08
1 A Paisagem Urbana.....	09
1.1 Estar na cidade.....	10
1.2 A paisagem e a arte.....	14
2 Volpi, Acosta e a Paisagem Urbana.....	16
2.1 Alfredo Volpi.....	16
2.2 Gustavo Acosta.....	17
2.3A Paisagem Urbana nas obras de Volpi e Acosta.....	18
3 A prática na oficina ou sala de aula.....	22
3.1 Planos de aulas.....	22
Considerações finais.....	26
Referências.....	28

Introdução

Esta monografia de especialização no Ensino de Artes Visuais propõe uma metodologia de ensino que busca nas obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, com base nas representações de casarios e das cenas urbanas, apresentar aos estudantes novas formas de percepção da cidade em que vivem e desenvolver habilidades técnicas de desenho e pintura para a realização de seus trabalhos em Artes Visuais.

O professor de Artes como facilitador e executor desta proposta tem vital importância no processo de aprendizado dos educandos, aplicando a metodologia proposta e possibilitando o desenvolvimento dos conhecimentos esperados a partir da aplicação.

Trabalhar a paisagem urbana na escola ou oficina é uma maneira de instigar o aprendiz a observar e perceber de forma crítica o lugar em que vive. Propõe-se uma comparação entre o trabalho de Volpi (1930 – 1960) e as obras do artista cubano Gustavo Acosta, contemporâneo e ainda em atividade, contrapondo as visões da paisagem urbana vivenciadas e retratadas pelos dois artistas, proporcionando a análise de visões ricas e distintas, tanto cultural quanto temporalmente.

Durante toda a minha experiência na produção artística, mesmo antes de iniciar a graduação em Artes Plásticas, cenas de paisagens urbanas sempre estiveram presentes nos meus trabalhos, na maioria desenhos, mas também em outras linguagens como a pintura e gravura em metal. Com o decorrer do curso de graduação e da especialização no ensino de artes visuais, o tema da paisagem urbana surgia nas atividades das disciplinas curriculares. Outros temas também foram muito explorados, como figuras geométricas, figuras humanas e algumas experiências para conhecer e dominar as técnicas sem a necessidade de um tema específico.

Toda essa experiência fortaleceu novas possibilidades para trabalhar de maneira sintética o tema da paisagem urbana. Considerando as cenas urbanas, que são ponto comum na minha formação acadêmica, percebi a necessidade de explorar o tema neste trabalho de especialização.

A proposta de ensino aqui sugerida ainda não foi aplicada. Examinar as diferenças entre o olhar de Volpi, Acosta e dos estudantes sobre a cidade pode se desdobrar em várias questões paralelas e caberá ao professor seguir ou não os novos caminhos apontados, já que a presente pesquisa e os planos de aula serão apenas um norteador para o ensino de Artes Visuais. Os planos de aulas propostos poderão ser alterados ou adaptados e depois propostos a diferentes classes de alunos de diversas faixas etárias, ou utilizados para realização de oficinas fora do sistema de ensino regular.

O primeiro capítulo define o que é paisagem urbana, para isso analiso autores com os quais compartilho pontos de vista sobre o tema. Também discorro sobre a noção de estar na cidade e como perceber a cidade onde se vive. Termina com uma rápida exemplificação da paisagem urbana como tema na história da arte, começando na era medieval até os dias atuais.

Já no segundo capítulo apresento a biografia de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, artistas que servem como inspiradores dos educandos na metodologia proposta e exemplos de como o tema paisagem urbana pode ser trabalhado de formas diferentes, ambas muito coerentes. Finalizo com uma análise do tema presente nas obras dos dois.

O terceiro capítulo contém a proposta das práticas em sala de aula ou oficina. Os planos de aulas serão norteadores, podendo o professor fazer as adaptações que julgar necessárias para melhor compreensão dos educandos. Durante a aplicação, poderão surgir novos questionamentos e com isso novas propostas, possibilitando variações nos caminhos ou métodos aqui especificados, pois o tema da paisagem urbana é muito amplo e permite várias possibilidades de trabalho.

1. A Paisagem Urbana

Para definir o que significa o termo *paisagem* para mim, serão necessárias algumas referências a autores que serão abordados em seguida.

Maria Ângela Faggin Pereira Leite (1998, p.65), a partir da definição de paisagem no dicionário Aurélio, como "espaço de terreno que se abrange de

um lance de vista”, explica que em um espaço povoado, a paisagem que se pode observar é, então, o produto do trabalho coletivo de uma sociedade sobre seu território e o processo social de sua construção. É acumulação, no tempo de práticas, técnicas, valores e símbolos culturalmente transmitidos às futuras gerações. Já Teresa Lenzi (1999) ressalta que o termo *paisagem* é, de fato, uma invenção cultural e que resulta da aceitação do enfrentamento da natureza como um lugar impreciso e distante que se precisa delimitar para que se transforme em um lugar que aconchegue o homem ou que pelo menos lhe sirva de referência.

Ambas as autoras concluem que a paisagem, urbana ou não, é o espaço no qual o homem interfere, podendo variar de acordo com o olhar de cada pessoa. Ou seja, paisagem é um termo que permite várias definições, e por ser tão abrangente, permite várias interpretações sobre a mesma cena.

Interpreto a paisagem urbana como um conjunto de formas e tipologias repetidas, que se encaixam em um grande conjunto, formando uma unidade percebida através do olhar. A partir dessa unidade percebe-se a caracterização da imagem obtida de uma cidade, com várias características servindo como pontos de atenção, por exemplo, cidades com muitos ou nenhum prédio de grande porte, com áreas verdes, com áreas de poluição excessiva, dentre outros. A partir do momento que entendo a paisagem urbana como uma estrutura complexa criada pelo homem, mas que ao mesmo tempo pode parecer tão irreal e fora de escala com seus criadores, procuro satisfazer o meu desejo de tentar aproximar essa estrutura dos estudantes, e procuro analisar se existe uma forma de perceber detalhes ou sutilezas que escapam ao meu olhar e ao olhar deles, só nos permitindo ter uma visão por vezes distanciada. Tento aproximar a mim e ao outro da cidade que os estudantes sentem como sua, mas ao mesmo tempo desconhecem.

1.1 Estar na cidade

Partindo do pressuposto de que a cidade é como um emaranhado de estruturas e subestruturas, materiais ou não, criadas pelo homem, e que estas

estruturas compõem o que é chamado de paisagem urbana, é preciso agora estudar a relação entre *habitat* e habitantes.

Estar na cidade implica certos comportamentos e certas impressões a partir de seus habitantes, que acabam por criar uma atmosfera que diferencia as cidades umas das outras e cria uma relação de posse/pertencimento. A cidade é, de certa forma, possuída pelo olhar de quem a percebe, ao mesmo tempo em que as pessoas acabam possuídas pela atmosfera, pela paisagem urbana que as circunda.

Segundo José Borzacchiello da Silva (1997, p.86) a cidade firma-se como local de permanência da humanidade. Sua totalidade é constituída de partes efêmeras que se constroem e se destroem diuturnamente. A cidade é um emaranhado de fazer e desfazer.

Para Nelson Brissac Peixoto (1996, p.472-77), a cidade é um lugar com excessivas informações do mundo contemporâneo, um espaço suturado, ameaçado, saturado de signos que acabaram perdendo seu significado, tornando-se um lugar sem rosto, sem nome, sem raízes com as pessoas que a habitam. As cicatrizes da cidade acabam por recobrir sua verdadeira face, sua essência. A cidade muda tanto de rosto, e tão rapidamente, que acaba sem um rosto definido. Não há tempo suficiente para os habitantes se aperceberem das mutações da cidade e assimilá-las.

Já para Milton Santos (1993, p.124):

“a cidade é um espaço organizado para atender as necessidades de seus moradores ou até das cidades ou aglomerações vizinhas. A urbanização se dá de forma diferenciada em cada cidade, as cidades de hoje tendem à diferenciação e à complexificação. Por isto as cidades são cada vez mais diferentes umas das outras.”

Concordando com os autores acima, percebo que a cidade é um lugar criado para as pessoas viverem e esse lugar tem que atender às necessidades de seus moradores, como proteção, alimentação, emprego, lazer, entre outros. Para atender a todas as exigências de seus moradores, a cidade às vezes precisa improvisar soluções, em virtude da falta de planejamento integrado que

é um dos maiores problemas urbanos do País, o que pode levar ao caos como observamos nas grandes metrópoles.

Compartilho com os autores citados a percepção da cidade como algo fragmentado, caótico, mas ao mesmo tempo organizado. Em minha opinião, esta percepção também é bastante presente nas obras de Gustavo Acosta e Alfredo Volpi.

Compreendendo Agnaldo Farias (2002, p.30), que coloca:

“a experiência que se vive na cidade como um espetáculo contínuo, fragmentado, caótico e, por vezes, tão intenso que, diante da impossibilidade de compreender se não o todo, ao menos o sentido de algumas coisas e fenômenos à volta, é comum a tendência ao *autoeclipsamento*, que é a falta da consciência do lugar onde se vive.”

Através do estudo das obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, tento encontrar uma saída para esse autoeclipsamento, buscando resgatar algo da essência da cidade, comum e conhecida de todos os seus moradores: a essência que ainda resta escondida atrás das cicatrizes urbanas.

Estar na cidade significa não apenas possuir um lugar para viver e desempenhar as nossas atividades, mas encontrar na cidade elementos que me permitam e me condicionem a vivenciá-la, a sentir-me parte integrante dela, redescobri-la, desvendar sua nova escala em relação aos habitantes. Estar na cidade significa olhar para a cidade e perceber seus fragmentos, sua verdadeira face, com a certeza que ela continua muito antes e depois do que se pode olhar. Posso compreendê-la como uma estrutura contínua que se transforma diariamente, acompanhando e refletindo os acontecimentos da vida de seus moradores.

O que me instiga na cidade é seu horizonte recortado, fragmentado, e a forma como nos relacionamos com as estruturas que compõem esse horizonte, suas perspectivas, sua continuidade e ao mesmo tempo sua fragmentação.

Volpi na sua fase concretista demonstra bem a fragmentação da cidade e sua repetição em seu olhar percebido em 1950. Como na imagem abaixo:



Fig.1, Alfredo Volpi. **S/ Título. Série Fachadas.** Déc. De 50. têmpera sobre tela

Gustavo Acosta também demonstra a repetição da cidade de forma diferente de Volpi, com mais detalhes e com o uso da perspectiva abolida por Volpi na sua passagem pelo concretismo.

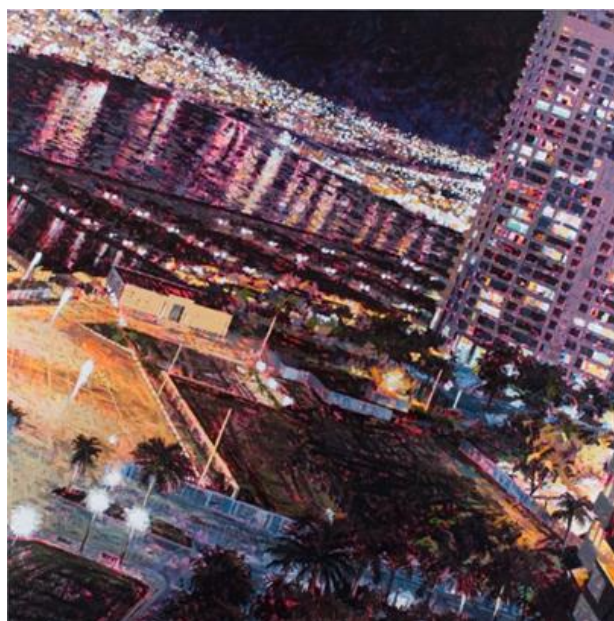


Fig.2, Gustavo Acosta. **Ilusion.** 2010. Acrílica sobre tela, 152 x152 cm.

A cidade possui cenas silenciosas e barulhentas que convivem nos mesmos espaços. É interessante perceber que esses momentos, esses *flashes* dividem o espaço da cidade, mas não interferem uns com os outros, como se estivessem em tempos e lugares diferentes.

1.2 A paisagem e a arte

A paisagem urbana sempre foi retratada na história da arte. Já na idade média observamos representações de casarios fachadas servindo como moldura para cenas religiosas em telas e retábulos. Contudo esta representação de partes da cidade medieval nas obras de arte tinha como função apenas destacar a cena principal da obra, e não dispunha de sentido próprio enquanto representação artística.

Posteriormente, de forma mais destacada no auge da Renascença e períodos subsequentes, a paisagem, rural ou urbana, começou a ganhar sentido próprio e figurar como motivo principal de diversas produções artísticas. Entre as primeiras pinturas de paisagens realizadas estão os registros de viagens de Albrecht Dürer (1471 – 1528). A paisagem, antes destinada a servir como fundo de retratos, por exemplo, adquiriu importância como gênero da pintura na Holanda já no século XIV. Já no século XIX a pintura de paisagem ganha destaque, principalmente com o impressionismo, com suas pinceladas vigorosas e abolição dos contornos e luminosidade expressa nos quadros como, por exemplo, nas obras de Claude Monet (1840 – 1926), Paul Cézane (1839 – 1906) e Pierre-Auguste Renoir (1841 – 1919).

No Brasil, a pintura de paisagens teve início com os pintores estrangeiros que vieram acompanhando Maurício de Nassau, dentre eles Frans Post (1612 – 1680). Com a missão artística francesa a pintura de paisagens firma-se como gênero no Brasil, tendo como exploradores Nicolas Taunay (1755 – 1830) e Debret (1768 – 1848), entre outros. A pintura ao ar livre e o registro realístico da flora e da fauna nacionais foram realizados primeiro por Georg Grimm (1846 – 1887) e, posteriormente, no grupo de artistas ligados a ele, como Antônio Parreiras (1860 – 1937) e Castagneto (1851 – 1900).

Artistas brasileiros são diretamente associados à pintura de paisagens, como Eliseu Visconti (1866 – 1944), Benedito Calixto (1853 – 1927), Francisco Rebolo (1902 – 1980), José Pancetti (1902 – 1958), Tarsila do Amaral (1886 – 1973) dentre tantos outros nomes de destaque.

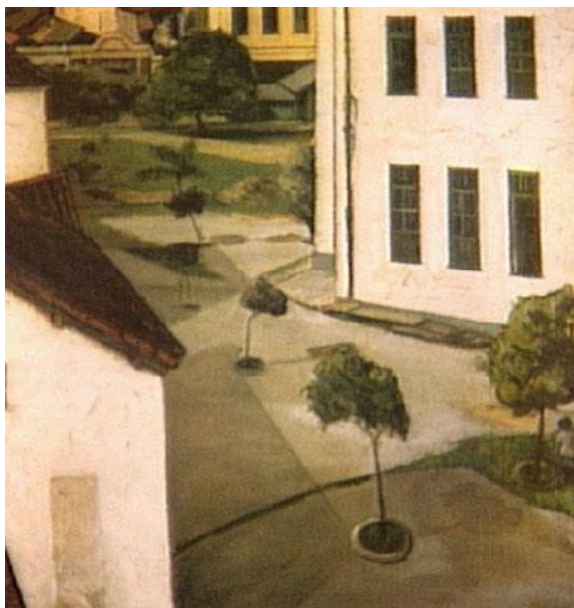


Fig.3, José Pancetti. **Fundos da minha casa**. 1937. Óleo sobre tela.

Atualmente, muitos artistas trabalham com a paisagem urbana, não apenas no campo da pintura, mas também através de intervenções urbanas e instalações. Destaco o grupo PORO e sua intervenção *Azulejos de papel* (2010), que consistia em azulejos de papel pregados em muros e casas abandonados numa forma momentânea de resgatar a beleza outrora existente. Essa temática dos azulejos lembra muito os trabalhos de Volpi e sua necessidade de reflexão a respeito da arte popular.



Fig. 4, Grupo PORO, 2010, Intervenção, **azulejos de papel**, Belo Horizonte.

2. Volpi, Acosta e a Paisagem Urbana

2.1 Alfredo Volpi

Conforme registra Mammi (1999), Alfredo Volpi nasceu em Lucca na Itália em 1896. Com pouco mais de um ano, veio com a família para o Brasil e foi morar em São Paulo. Ainda jovem, começa a trabalhar como marceneiro entalhador; tempos depois, torna-se pintor e decorador.

Volpi diferenciava o seu trabalho em tela do artesanato, afirmando que essa era uma problemática da época e que, notoriamente, permanece até hoje. Mesmo sem formação acadêmica, Volpi em suas obras já chamava atenção pela qualidade de suas pinceladas em paisagens do cotidiano. Também se destacavam o uso das cores e a forma de composição dos motivos no quadro. Esse reconhecimento ficou patente no ano de 1957, quando uma retrospectiva no museu de arte moderna do Rio de Janeiro o consagrou como “mestre brasileiro de sua época”, incluindo aí alguns de seus primeiros trabalhos.

Como Volpi não datava seus primeiros quadros, não é possível definir com precisão a evolução de seu trabalho nesse período, mas observando o conjunto da obra pode-se ter uma noção da sua evolução enquanto artista plástico e como, mais adiante, sofreu influência do concretismo. Sua primeira pintura de cavalete, data de 1914. Depois, quando começou a participar do Grupo Santa Helena (grupo que despontava no cenário artístico paulistano em meados da década de 30), o artista ganhou mais visibilidade. Nos anos 1940, Volpi conheceu o pintor paulista Ernesto de Fiori, que iria influenciá-lo de maneira decisiva. Em 1939, depois de uma viagem a Itanhaém, no litoral sul paulista, Volpi começou a pintar paisagens *marinhas*.

Em meados da década de 1930, a paleta de cores de Volpi começa a se tornar mais variada. O artista aprende a dominar as cores complementares e a criar o equilíbrio pelo contraste. O interesse pela pintura popular parece ter surgido nesta fase do trabalho.

Em 1940, Volpi passa a apresentar traços impressionistas em sua obra, com pinceladas vigorosas e contornos nervosos, à maneira dos artistas

consagrados deste estilo. Já no final da década de 1940 e início de 1950, o caráter literal da pintura popular que não distingue entre objeto e figura é assumido por Volpi em seus “brinquedos” como a obra *Pássaro de papelão e Igrejas*. Aqui é onde o artista encontra a sua resposta para as inquietações que o faziam pintar, a vontade de dar vazão à sua expressão subjetiva com a aspiração para formas estáveis e atemporais. A partir de então, ele se debruça sobre a cultura popular com um olhar renovado.

Na década de 1950, Volpi volta suas atenções para o Concretismo, o que, para alguns críticos, foi uma ruptura com sua produção artística até ali. Discordo dessa afirmação, pois a assunção do concretismo é melhor percebida como a continuação de todo um percurso em busca de uma resolução formal de sua obra. É onde o pintor finalmente se encontra. O concretismo é afinal o lugar aonde o caminho percorrido o teria levado. Então, Volpi passa a pesquisar motivos geométricos e formas de transmitir a sensação de movimento e ritmo, lembrando sempre da arte popular, marcou suas pesquisas por toda a vida. Em algumas obras ele reduz os motivos à essência, com poucos objetos e cores na tela.

Nas palavras de Mammi (1999, p.39), Alfredo Volpi foi um homem iletrado, mas um pintor de grande cultura visual. Produziu durante quase setenta anos pintura de qualidade elevada e com fortes raízes culturais.

2.2 Gustavo Acosta

Segundo o sítio oficial¹ do Pintor na Internet, ele nasceu na cidade de Havana, Cuba em 1958 e reside atualmente em Miami, assim como outros exilados Cubanos. Estudou na escola de artes visuais de San Alejandro, Havana e também no instituto superior de arte (ISA) na mesma capital.

Em toda sua produção artística, tanto na pintura como no desenho, Acosta retrata e interpreta imagens de cenas urbanas de Havana, sua cidade

¹ ACOSTA, Gustavo. *Gustavo Acosta*. 2012. Disponível em: <<http://gustavoacosta.com/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

natal, e de Miami, lugar onde reside. Suas obras partem de uma perspectiva aérea, distanciada, o que leva o expectador a se tornar observador de uma cidade complexa, habitada, mas ao mesmo tempo silenciosa. É quase uma percepção de abandono.

Ainda de acordo com o sítio oficial² do pintor, ele faz parte de uma geração de artistas que mudou as formas de se fazer arte em Cuba, conhecida como a “geração dos oitenta”, formada por jovens inquietos para os padrões estéticos e ideológicos da época, onde se destacavam nomes como Rubén Torres Llorca, José Bedia, Abdel Hernández, entre outros.

2.3 A paisagem urbana nas obras de Volpi e Acosta

Analisando a paisagem urbana nas obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, encontramos semelhanças e diferenças; algumas óbvias, por serem de nacionalidades diferentes e por um deles ser um pintor modernista e o outro contemporâneo. Ambos, porém, suscitam a importância do olhar para a cidade e colocar na tela ou no desenho a sua interpretação, o seu questionamento diante da paisagem urbana.

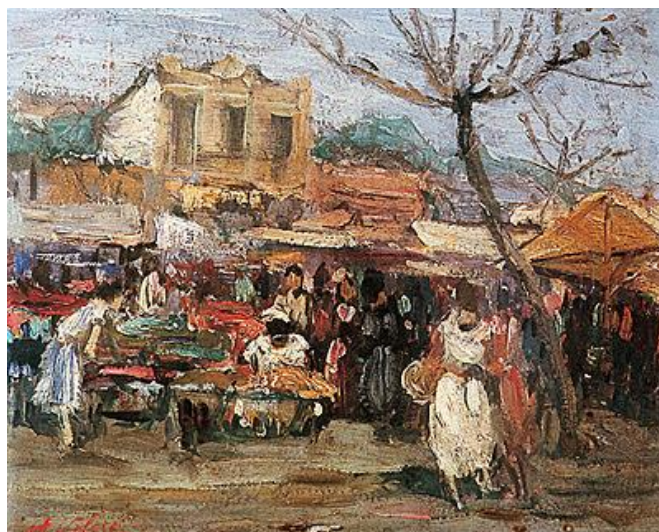


Fig.5, Volpi, **Feira do Cambuci**, déc de 1920, óleo sobre tela, 20x25cm.

² Acosta, op cit.



Fig 6, Volpi, **Fachadas das bandeiras brancas**, déc. de 50, têmpera sobre tela, 115 x 102cm.

Na figura 5, Volpi retrata a feira de Cambuci em 1920. Nesta pintura, o artista adota o estilo impressionista: registrando o que vê na cidade com muitas pessoas, ele transmite a sensação de movimento. É possível perceber muitos detalhes como as roupas que as mulheres usam e a árvore praticamente seca. Já na figura 6, Volpi após evoluir na carreira, flerta com o concretismo, simplificando de forma acentuada a cena urbana retratada; apesar das bandeirinhas presentes na fachada indicarem uma festa, não há movimento. A figura humana é abolida da tela, a fachada é constituída de figuras geométricas repetidas e apenas três cores são utilizadas, o que contrasta bastante com o primeiro quadro rico em cores e tons.



Fig.7, Gustavo Acosta, **Mil Novecientos Noventa y Dos**. 1992. Acrílica s/ tela, 178 x 229 cm.



Fig.8, Gustavo Acosta. **Illusion**. 2010. acrílica sobre tela, 152 x 152 cm.

Gustavo Acosta sempre retratou cenas urbanas na sua produção artística. Pintor em atividade, sua obra com o tempo ganhou mais refinamento, cores e uma perspectiva distanciada como se percebe na figura 8. No primeiro quadro, figura 7, do início de sua carreira ele parece retratar a cena de cima de algum prédio, já no outro ele consegue o distanciamento que tanto o instiga para retratar a cena urbana. Percebe-se também a evolução nas cores, mas a falta de cor da tela 1992 é na verdade uma representação da tristeza do momento em que o pintor vivia na sua cidade natal.

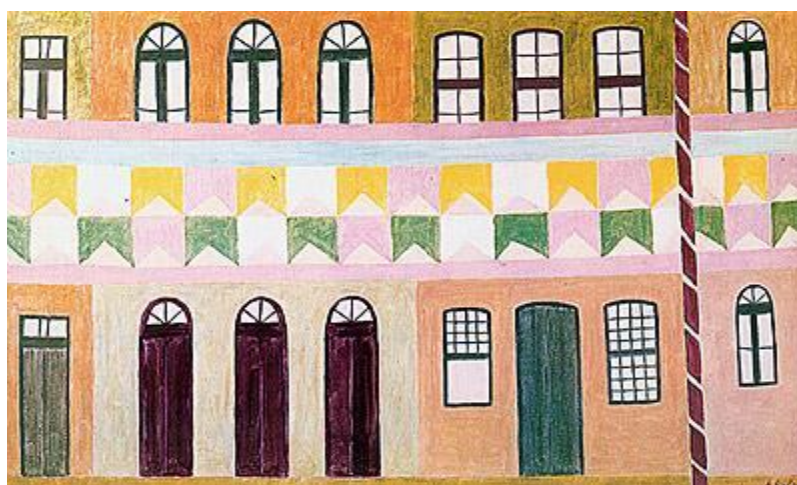


Fig. 9, Alfredo Volpi, **Fachadas com Bandeirinhas**, década de 1950, Têmpera sobre tela, 73 X 116 cm.



Fig.10, Gustavo Acosta, **The Big Secret**. 2009, acrílica sobre tela, 162 x 244 cm.

Comparando as telas de Volpi na sua série *Fachadas* ao trabalho de Acosta percebemos que, enquanto Volpi evolui para uma aproximação e simplificação da cidade retratando sua repetição e seus padrões e organização, Acosta prefere o distanciamento, fazendo uso da perspectiva aérea, e com isso consegue captar detalhes da cidade.

O que os dois artistas possuem em comum é o fato de que a grande distância com que Acosta retrata a cidade permite que ele consiga captar, como Volpi, a repetição e a ordem que estão presentes nas cenas retratadas. Volpi prefere a simplificação da cor em suas obras com influência concretista; Acosta já faz uso de várias cores e tons, mas apesar disso a cidade do segundo artista parece ser uma massa uniforme devido à distância do observador. Os dois artistas abolem o uso da figura humana: a cidade, apesar de habitada, é vista como uma entidade autônoma e ordenada.

Através da visão desses dois artistas sobre a paisagem urbana, torna-se possível transmitir ao educando em artes as possibilidades de cada um criar sua própria visão da cidade em que vive e representá-la de formas diferentes, contudo obtendo resultados semelhantes.

3. A prática na oficina ou sala de aula

Ensinar arte às crianças é uma das formas de ampliar a percepção sobre a produção humana e torná-las aptas a avaliar algumas imagens com senso crítico, e não como meros consumidores. Mesmo que os estudantes não se tornem produtores de arte, o fato de apreciar obras, educar os sentidos e avaliar a qualidade dos trabalhos possibilita o desenvolvimento contínuo do indivíduo, não apenas no campo educacional, como também para diversos outros aspectos da vida.

Bondía (2002) coloca que a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que chega a ser quase impossível nos tempos que correm. Na proposta de aula apresentada proponho essa pausa para observação da cidade, do espaço onde os estudantes vivem. Já Ana Mae Barbosa³ sustenta que a educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento da cultura local, ideia com a qual concordamos, já que a reprodução de conhecimento externo nem sempre condiz com a realidade de cada indivíduo.

Analisando a obra dos dois artistas sugeridos neste trabalho, criei um plano de aula com cinco momentos diferentes para aplicação em oficinas ou em horas-aula no ensino regular. A presente proposta foi formulada pensando em alunos de 10 anos ou mais. Pretende-se aplicar a abordagem triangular: primeiramente os alunos poderão apreciar a obra dos artistas propostos, depois irão conhecer o contexto em que as obras foram criadas e posteriormente serão instigados a produzir suas próprias obras de arte a partir da sua visão da cidade em que vivem.

3.1 Planos de aula

Tema: A paisagem Urbana

³ BARBOSA, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>. Acesso em 02/06/2015.

Conteúdo: Apresentação de cinco obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta; apresentação da contextualização histórica e geográfica destas obras. Momento para produção através da pintura de imagens da cidade percebida e vivenciada pelos alunos.

Público Alvo: Educandos acima de 10 anos

Recursos didáticos: *data show* ou monitor de televisão, computador, papel sulfite A3, lápis grafite, tintas acrílicas nas cores: amarelo, azul, vermelho ou ciano, preto e branco, potes para água, pedaços de pano e fita crepe. Sala que disponha de mesas e cadeiras adequadas e se possível, pia com água.

Justificativa: Esta proposta de ensino visa buscar nas obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, focando no trabalho de cenas urbanas, formas de apresentar aos alunos novas maneiras de perceber a cidade em que vivem e familiarizar a turma com algumas técnicas de desenho e pintura para a realização do seu trabalho em Artes Visuais.

Estudar e analisar as obras de Volpi e Acosta são os primeiros passos sugeridos. Através das conclusões obtidas, buscar-se-á integrá-las à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa procurando aliar a História da arte ao fazer artístico dos pintores e em seguida ao fazer artístico do aluno.

Para enriquecer a discussão, propõe-se uma comparação entre o trabalho de Volpi (1930 – 1960) e as obras de Gustavo Acosta, contemporâneo e ainda em atividade, contrapondo as visões da paisagem urbana vivenciadas e retratadas pelos dois artistas, o que possibilitará a análise de visões ricas e distintas, tanto cultural quanto temporalmente. Com isso, será possível analisar os trabalhos obtidos e perceber suas diferenças e pontos em comum.

Objetivos Específicos:

- Aprender a se expressar através da criação de uma obra artística bidimensional (desenho e pintura)
- Adquirir noções de desenho em perspectiva, composição, teoria das cores, luz e sombra.

- Aprender um pouco sobre a história da arte através dos trabalhos de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta.
- Possibilitar que os estudantes saiam da rotina e observem o lugar em que vivem com o olhar de contemplação.

Cronograma e metodologia:

As aulas terão duração de uma hora ou uma hora aula.

Primeira aula: Apresentação de imagens com cinco obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta. Aula expositiva sobre os aspectos formais encontrados, formas, cores, perspectiva, etc.

Exemplo:



Fig.11, Gustavo Acosta, **Color Local**. 2010, acrílica sobre tela, 147 x 214 cm.

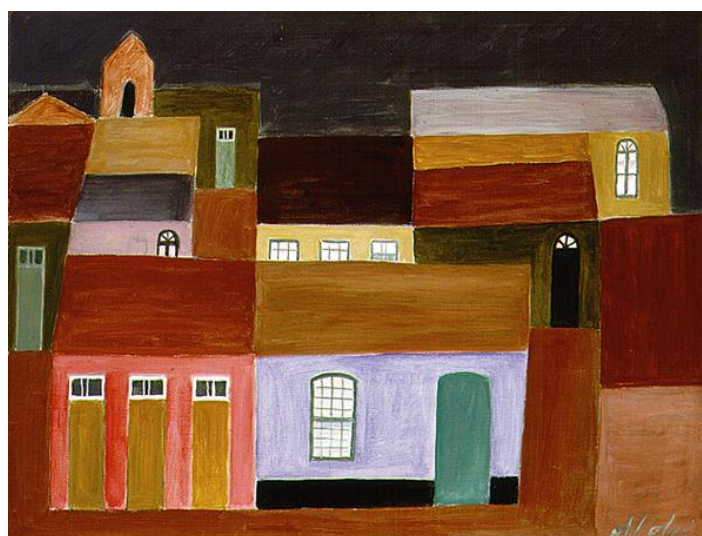


Fig. 12, Alfredo Volpi, **Casario**, década de 50, têmpera sobre tela, 46 x 60 cm.

Pode-se fazer a seguinte análise como exemplo dentro da proposta do plano de aula. Comparando as duas obras acima figura 11 e figura 12, percebe-se que enquanto Acosta trabalha a perspectiva aérea e usa tons acinzentados, Volpi trabalha a vista frontal com cores terrosas e escuras. Enquanto um artista se distancia da paisagem urbana o outro se aproxima, pode se perceber que os dois não utilizam a figura humana nas obras citadas, o que transmite silêncio ao espectador. Os dois utilizam figuras geométricas para representar a cidade na maioria quadrados e retângulos. Um opta pelo realismo outro pelo abstracionismo, mas os dois representam a paisagem urbana da forma que a observam e vivenciam-na.

Segunda aula: Apresentação das mesmas imagens da aula anterior com explanação sobre o contexto histórico e geográfico que as obras foram criadas pelo artista. No caso de Volpi e de Acosta durante seu exílio em Miami fugindo do regime cubano.

Terceira aula: Aula prática de como usar tinta acrílica sobre papel, necessidade de diluição, efeitos possíveis, teoria das cores, geometria básica, aula de experimentação do material levado para a oficina ou sala de aula.

Quarta aula: Pedir que os alunos tentem representar no papel sulfite A3, a sua visão da cidade em que vivem, usando para isso a tinta acrílica da aula anterior.

Quinta aula: Avaliação através da exposição das pinturas e esclarecimento das dúvidas que forem surgindo.

Avaliação: Exposição na parede dos trabalhos desenvolvidos e análise por parte dos próprios estudantes. Os educandos deverão perceber se captaram as diferenças entre as visões da cidade de cada aluno, observar pontos em comum e diferenças. Comparar os trabalhos com a obra dos artistas apresentados anteriormente.

Considerações finais

O tema da paisagem urbana já foi muito trabalhado no âmbito das Artes plásticas, mas como proposta de arte-educação possui ainda diversas possibilidades. A proposta apresentada neste trabalho é apenas um caminho dos muitos que podem ser trabalhados com educandos em Artes. O problema central desta proposta é tentar demonstrar as diferenças de percepção do olhar entre os estudantes, seus pares e professores, para que percebam a cidade como um lugar a ser visto e vivenciado. Através desse problema, é possível também construir e consolidar no campo de habilidades dos estudantes algumas noções sobre formas, cores, luz e sombra e sobre a própria História da Arte.

As pessoas atualmente se movimentam em um cotidiano apressado. Enquanto isso se esquecem de olhar a cidade e de fruir valores importantes da paisagem urbana. Elas perdem a relação de pertencimento com a cidade onde vivem e passam a conviver apenas com lembranças e o senso comum acerca da paisagem. Isto reflete na falta de identidade dos habitantes, que se tornam meros “moradores” sem ligação com a própria história do lugar.

Através das obras de Alfredo Volpi e Gustavo Acosta, busco a aproximação do educando em Artes com a cidade em que vive. Volpi pesquisou motivos geométricos e formas de transmitir a sensação de movimento e ritmo, lembrando sempre da arte popular em sua pesquisa por toda a vida. Em algumas obras ele reduz os motivos à essência, com poucos objetos e cores na tela. Talvez seja isso que falte aos olhares apressados de hoje em dia: a capacidade de captar a essência da paisagem urbana, seus verdadeiros significados. Assim se relacionam a análise de Volpi e as perspectivas a serem trabalhadas no ensino da Arte, no âmbito do presente trabalho. Já Gustavo Acosta trabalha a paisagem urbana com certo distanciamento do ponto de vista, mas com um realismo e riqueza de detalhes que ainda assim consegue transmitir silêncio, uma pausa para contemplação, o que se pretende incutir na vivência do educando em Artes.

Reconhecer que a Arte lida com emoção, subjetividade e conhecimento torna a avaliação dos trabalhos obtidos com base na proposta do plano de aula uma tarefa complicada. Mensurar a capacidade artística e crítica do aluno sempre será um problema. Mas sempre ficará a critério do professor adotar a melhor forma de avaliação, de acordo com a realidade e conhecimento prévio de cada turma.

A efetiva aplicação do trabalho ora proposto, pode se desdobrar em várias questões que ainda não foram levantadas no âmbito do presente projeto, o que permite a continuidade e crescimento da pesquisa a partir de sua aplicação prática e mensuração dos resultados alcançados.

Referências

ACOSTA, Gustavo. *Gustavo Acosta*. 2012. Disponível em: <<http://gustavoacosta.com/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino de Arte*. São Paulo, Porto Alegre: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte, Educação e Cultura*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>. Acesso em 2 de junho de 2015.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr, n.19, 2002, p. 20-28.

FARIAS, Agnaldo. In: Fundação Bienal de São Paulo, *25ª Bienal de São Paulo*, 2002, p.30. Catálogo de Exposição.

ITAÚ CULTURAL (São Paulo). Enciclopédia Itaú Cultural (Org.). *Pintura de Paisagem*. 2015. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo363/pintura-de-paisagem>>. Acesso em: 28 set. 2015.

KLABIN, Vanda (Med.). *6 Perguntas sobre Volpi*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

LEITE, Maria Ângela F. P. "Projeto e uso dos espaços públicos, o código e a interpretação" in: OLIVEIRA, Ana Cláudia e FECHINI, Yvana (orgs.). *Visualidade, urbanidade e intertextualidade*. SP: Hacker, 1998 - p. 65 a 75.

LENZI, Teresa. *A Paisagem Fotográfica dos Trajetos Cotidianos*, 1999. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) – Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

MAMMI, Lorenzo, *Volpi*. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1999.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Ed. SENAC/Ed. Marca D'Água, 1996.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. "Metodologias do Ensino de Artes Visuais." In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Lucia Gouvêa Pimentel (Org.). 2. Ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes UFMG, 2008. P.25-37.

PORO. *Azulejos de papel*. Poro. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://poro.redezero.org/ver/intervencao/azulejos-de-papel/>>. Acesso em 10 set. 2015.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, José Borzacchiello da. In: SILVA, J. Borzacchiello et alli, *A Cidade e o Urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997.

Referências de imagens:

Figura 1- Alfredo Volpi. S/ Título. Série Fachadas, década de 50. Têmpera sobre tela. Disponível em < <http://7dasartes.blogspot.com.br/2012/11/pequena-biografia-de-alfredo-volpi.html> >. Acesso em 28 set. 2015.

Figura 2- Gustavo Acosta. Ilusion. 2010. Acrílica sobre tela, 152 x 152 cm. Disponível em < <http://gustavoacosta.com/works-1/category/41-paintings>>. Acesso em 15 set. 2015.

Figura 3- José Pancetti. Fundos da minha casa. 1937. Óleo sobre tela. Disponível em < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2515/fundos-da-minha-casa>> Acesso em 28 set.2015.

Figura 4- Grupo PORO, 2010, Intervenção, azulejos de papel, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://poro.redezero.org/ver/intervencao/azulejos-de-papel/>>. Acesso em 10 set. 2015.

Figura 5- Volpi, Feira do Cambuci, década de 1920, óleo sobre tela, 20x25cm. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em 28 set. 2015.

Figura 6- Volpi, Fachadas das bandeiras brancas, final da década de 50, têmpera sobre tela, 115 x 102 cm. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em 28 set. 2015.

Figura 7- Gustavo Acosta, Mil Novecientos Noventa y Dos. 1992. Acrílica sobre tela, 178x229cm. Disponível em <<http://gustavoacosta.com/works-1/category/41-paintings>>. Acesso em 15 set. 2015.

Figura 8- Gustavo Acosta. Illusion. 2010, acrílica sobre tela, 152 x 152 cm. Disponível em <<http://gustavoacosta.com/works-1/category/41-paintings>>. Acesso em 15 set. 2015.

Figura 9- Alfredo Volpi, Fachadas com Bandeirinhas, década de 1950, Têmpera sobre tela, 73 X 116 cm. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em 28 set. 2015.

Figura 10- Gustavo Acosta, The Big Secret. 2009, acrílica sobre tela, 162 x 244 cm. Disponível em <<http://gustavoacosta.com/works-1/category/41-paintings>>. Acesso em 15 set. 2015.

Figura 11- Gustavo Acosta, Color Local. 2010, acrílica sobre tela, 147 x 214 cm. Disponível em <<http://gustavoacosta.com/works-1/category/41-paintings>>. Acesso em 15 set. 2015.

Figura 12- Alfredo Volpi, Casario, década de 50, têmpera sobre tela, 46 x 60 cm. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em 21 nov. 2015.